F. ALVES DE ANDRADE*
(Do Instituto do Ceará e da Academia Cearense de Letras,
Professor Titular aposentado da UFC e
Professor Visitante da Escola Superior de Agricultura
de Mossoró – Pesquisador II/B – Bolsista do CNPq).

CENTENÁRIO DE EUSÉBIO DE SOUSA
(Vulto e Estudos do Homenageado)

(Conferência proferida no Instituto do Ceará, em Fortaleza,
a 22/08/1983, como orador oficial da solenidade).

(*) Nome completo: Francisco Alves de Andrade e Castro.

CENTENÁRIO DE EUSÉBIO DE SOUSA
(Vulto e Estudos do Homenageado)

F. Alves de Andrade

O INSTITUTO DO CEARÁ reúne-se para comemorar o centenário de nascimento de EUSÉBIO DE SOUSA, cujo nome, ligado a esta instituição cultural, avulta para a posteridade na seara dos tempos.

Honrado com a incumbência de acender o círio que ilumina a densa noite do silencioso mundo do esquecimento, para lembrar-lhe com devoção a nossa sempre grata memória, iniciaremos esta oração com um pensamento de Oliveira Martins:

"Uma grande curva descrita no espaço, eis o que é a História, rastro luminoso do mais brilhante dos planetas: o homem" . . . Esta reflexão cabe inteiramente ao vulto do nosso homenageado, cujos feitos se integram na história de nossa terra e de nossa gente.

EUSÉBIO NERY ALVES DE SOUSA, nascido no Recife (PE), a 14 de agosto de 1883 e falecido em Fortaleza a 22 de setembro de 1947, filho do major José Nery Alves de Sousa e de D. Maria Galdina Alves de Sousa, foi um predestinado da ação cultural.

Jornalista, historiador, magistrado, escritor humanista, voltado para a construção da Nacionalidade, soube ser um deslumbrado dos valores culturais, cujas fontes consultou, aqui, ali, além, com o seu talento e operosidade de pesquisador.

Foi, além do mais, uma semente generosa de sua geração. Na síntese da flor e do fruto, esplende a semente que é a síntese da seiva, legado natural às futuras árvores, sustentáculo de outras gerações. O ciclo da árvore da vida esplende igualmente em certos caracteres humanos, como EUSÉBIO DE SOUSA.

A ÍNDOLE NOS PRIMEIROS LANCES

Martins Filho, do nosso Instituto, em primorosa biografia sobre a operosidade excepcional de Eusébio de Sousa, recorre a um tópico de Mário Melo, emérito historiador nacional, que, em sugestiva página de remi-

niscências, narra como ele, Eusébio de Sousa e outros colegas do Ginásio Pernambucano, de estudantes fizeram-se jornalistas. Primeiro, fundaram uma sociedade literária, depois, deram-lhe o sopro comunicativo de um jornal cujo título era "**O Álbum**". Apelaram, quanto à edição, para o velho Sousa, administrador do **Jornal do Recife**, por ser seu Filho Eusébio um dos associados.

No dia 1º de junho de 1900 surgia o primeiro número do jornal "**O Álbum**", sagrando jornalistas seus redatores: Alcebíades Lima, Adalberto Ribeiro, Eusébio de Sousa, Mário Rodrigues e Mário Melo . . ." Os jornalistas eram todos mais ou menos da mesma idade, variando de 15 a 17 anos, informa o autor de tais reminiscências.

Depois de matricular-se com os seus companheiros na Faculdade de Direito do Recife, tendo-se iniciado na vida jornalística, concluiu o curso jurídico em 1907, em turma composta de 110 bacharéis, dos quais dois apenas representavam o Ceará: Adolfo Memória e Álvaro Garrido Nóbrega. Dela fez parte também o paraibano José de Borba Vasconcelos, que, depois, veio a radicar-se no Ceará, onde exerceu o magistério na Faculdade de Direito de nossa terra, tornando-se político de projeção.

DE JORNALISTA A MAGISTRADO NO CEARÁ

Em 1908 veio para o Icó, onde começou a exercer a judicatura. Que mão estranha o impulsionara? Indaga o biógrafo, cujos informes colhemos em linhas gerais. Escasso era o número de bacharéis graduados pela Faculdade de Direito do Ceará, fundada em 1903, saindo formados os primeiros bacharéis entre 1906 e 1907. Assim, os vindos de Pernambuco eram mais facilmente engajados na judicatura.

Eusébio Nery Alves de Sousa foi um deles. Nomeado Juiz da Comarca de Icó, um dos centros tradicionais da urbanização interiorana, com os seus sobrados senhoriais, logo entranhou-se de corpo e alma em sua vida, contraindo núpcias, em fevereiro de 1909, com D. Márcia Monteiro Osório, prendada filha do comerciante Arnaldo Osório e de sua esposa, D. Isabel Monteiro Osório, também, de excelsas virtudes.

Ao chegar àquela cidade, tomou parte no plano de um ramal ferroviário para aqueles sertões jaguaribanos. Fez a este respeito conferência no Teatro local, idéia que brilhantemente defendeu em artigos que publicou.

A INTERIORIZAÇÃO DO JUIZ HUMANISTA E ESCRITOR

A semente pernambucana teve a sua germinação na Zona da Mata, onde lançara tenra raiz, ouvindo as lições e ideário da Tríade Druídica, se-

gundo a qual três coisas nasceram ao mesmo tempo: o homem, a liberdade e a luz.

Mudada a plantinha para a Terra da Luz, cedo adaptou-se a sua problemática com predileção histórica. Removido o Juiz, em 1909, para a Comarca de Quixeramobim, ali interiorizou-se, levando consigo a seiva do primeiro impulso. Como expressivamente soube dizer Martins Filho, "dividiu suas atividades entre os misteres da justiça e das letras".

Em plena terra de sol, escreveu "Antônio Conselheiro em Juízo", assim como produziu uma "Notícia Geográfica, Histórica e Descritiva de Quixeramobim". Desde então, afeiçou-se ao torrão cearense de modo a constituir sobre o seu relevo o perfil e roteiro de seus estudos.

Brotaram em Quixeramobim os primeiros rebentos da família – seus primeiros filhos, Arilo e Aglaê. O primeiro, seguindo a carreira das armas, em que é hoje engenheiro militar, no posto de General, foi para os últimos dias, considera o referido biógrafo, motivo de orgulho, e diremos, de inspiração a tudo que escreveu sobre os heróis da Pátria, avultando entre os seus livros uma bem elaborada História Militar do Ceará. Mas, o segundo rebento, a dileta filha Aglaê, foi a secretária exemplar no coroamento de sua vida, a colaboradora infatigável dos seus escritos, na arte de gravá-los para a publicação.

No exercício do áspero e difícil cargo de Juiz, percorreu as Comarcas de Assaré (1913); Ipu (1913 a 1918); São Bernardo das Russas (1920 a 1922) chegando a Quixadá onde permaneceu no período de 1922 a 1926. Numa experiência vivida nos sertões cearenses, movimentando-se entre perigosos conflitos e delicadas situações, soube o augusto magistrado manter-se na verticalidade do múnus público com segurança e pendores do seu espírito.

Avantajou-se como animador dos lugares por onde passou, fez-se defensor de planos e projetos de desenvolvimento rural, pregador de civismo, observador de usos e costumes, bandeirante e caminheiro que estava sempre com o seu, o nosso povo, agindo amorosamente pela arte da comunicação. Eis que em Ipu fundou o jornal "Correio do Norte" e redatoriou "O Campo", revista de objetivos agrícolas. Em 1914, escrevia sobre "O Meio Intelectual do Ipu" e de 1915 a 1916 publicava, na Revista do Instituto do Ceará, "Crônica do Ipu". Em 1916, contribuiu para o V Congresso Brasileiro de Geografia, com uma monografia regional sobre "O Município do Ipu". No interesse do desenvolvimento, editou, em 1916, e reeditou, em 1918, o estudo histórico sobre "As Minas do Ipu".

Em Russas, fez circular a "Gazeta Jaguaribana". Alonga-se o seu espírito de observação com o estudo "Primazias do Vale do Jaguaribe", publicado em 1922 na Revista do Instituto do Ceará. No mesmo ano, em edição de luxo, comemorativa do 1º Centenário da Independência, publica o seu "Álbum do Jaguaribe".

Em Quixadá, funda e edita o hebdomadário "O Sitiá", com oficinas próprias. Em 1937, publica extensa monografia, "Memória sobre o município de Quixadá". Tendo a mesma preocupação de interiorizar a pesquisa geográfica e histórica, publicara em 1919, o estudo sobre os "Municípios de Aracati e Acaraú". No plano da penetração interiorana, incluem-se as comédias que revelam o talento de Eusébio de Sousa e o seu pioneirismo no Teatro sertanejo, a exemplo das comédias: "Amor Noturno"; "Por Causa do Bicho Condescendente"; "Tiro Infantil"; "Um Médico em Apuros" e "Uma Professora em Apuros". São obras inéditas, entre as quais se incluem as revistas: "O Assaré em Ceroulas"; "Flor Jaguaribana" (revista de costumes locais); "Icó por um Óculo" e outras.

Observe-se que as cidades e vilarejos cearenses, materialmente muito mais atrasados que hoje, tinham o seu teatro improvisado, comportavam o jornalzinho local, tudo isso há mais de cinqüenta anos, quando por lá passavam líderes intelectuais da índole e têmpera de Eusébio de Sousa.

MENSAGENS DO HISTORIADOR

O fascínio de EUSÉBIO DE SOUSA foi a comunicação. Daí a sua assídua colaboração nos jornais de Fortaleza: no "Correio do Ceará" e em "O Nordeste". Entre 1928 e 1929, chegou a dirigir a "Gazeta de Notícias". A maior expressão de suas atividades culturais foi a História. Dela cuidou todo o tempo, na cidade e no campo, em Fortaleza e nos sertões. "A União Artística e Proletária de Quixadá" rendeu-lhe fiel homenagem, fundando e mantendo a "Biblioteca Eusébio de Sousa", considerado famoso historiador, incentivador do progresso, pondo em ação as idéias.

Cedamos a palavra a Euclides César que, nos remotos tempos de 1919, via-o de perto, dando o seu testemunho em "Florilégios":

> "Como jornalista, Eusébio de Sousa faz história, procurando vulgarizá-la pelas colunas da 'Gazeta de Notícias', tornando-a, por esse processo, acessível aos seus numerosos leitores". Apresentava-o então como "competente cultor das letras históricas que vai, pachorramente exumando da poeira dos arquivos, concatenando-as, valorizando-as para os fins da publicidade. Tem assim concorrido para reanimar a existência do Instituto do Ceará".

Fazendo história, soube ser um pregador de civismo. Não se ficava na torre de marfim do preciosismo científico ou de erudição, mas, vinha até o povo, a exemplo do seu "Catecismo constitucional do Estado do Ceará", adotado nas Escolas públicas em geral, e em Fortaleza, na Escola de Aprendizes Artífices do Ceará.

O HISTORIADOR DE TEMAS REGIONAIS

Vasta é a bibliografia de Eusébio de Sousa, cuidadosamente atualizada pela operosidade de Maria da Conceição Sousa, sócia efetiva do Instituto do Ceará. Nela nos é dado sentir a tônica do historiador de temas regionais.

De Pernambuco, Eusébio nos trouxe o lábaro das tradições libertárias, a semente do mundo mental de sua geração, afeiçoando-se com naturalidade aos valores cearenses, análogos mas não diferentes. Eis que, frente à Ilíada das contraditas humanas, soube cumprir a sua Odisséia, projetando na tela de suas observações a evidência que sobra dos fatos controvertidos.

Considerando as preocupações temáticas de EUSÉBIO DE SOUSA em torno da elucidação da verdade histórica, encontraremos o historiador na faina de evidenciar fatos de relevo primordial, o exemplo da **Confederação do Equador**. Consulte-se o que ele escreveu em diversos artigos na Revista do Instituto do Ceará: "A Epopéia de Santa Rosa"; "O Padre Mororó e seus julgadores perante à História"; "Tributo de Sangue"; "Há Cem Anos – Fatos da Confederação do Equador".

Pernambucano de origem, tendo a sua juventude vivido em órbita da entusiástica consciência cívica do Recife, era natural que nesta linha desenvolvesse a sua pesquisa histórica.

Contra a monárquica controvérsia do separativismo, Eusébio soube alçar a mira de uma consciência republicana. Aos mártires da revolução frustrada, que tinham, no Ceará, à frente, Tristão Gonçalves, traído e barbaramente assassinado em Santa Rosa, reconheceu-lhes a bravura, proclamando o heroísmo.

Realizou acuradas investigações para assinalar o local onde tombara o lutador republicano e promoveu o movimento de que participou o Instituto do Ceará, mandando erigir naquela localidade, hoje do município de Jaguaribara, o monumento comemorativo, gravada, **in memoriam**, em lápide oficializada, a inscrição:

> "Neste lugar foi assassinado Tristão Gonçalves de Alencar Araripe (31 de outubro de 1824) Presidente do Ceará, em Fortaleza, na República da Confederação do Equador".

Era a parte comemorativa do Centenário, cujos festejos se fizeram oficiais no Estado e, em geral, no País, aos quais aderiu o Instituto do Ceará, documentando em número especial de sua Revista as ocorrências históricas.

A Revista do Instituto do Ceará está pontilhada de uma assídua e generosa contribuição de EUSÉBIO DE SOUSA, voltado sempre para a pesquisa componente da história regional. Assim, ao lado das "Efemérides da Confederação do Equador", escritas pelo Barão de Studart, contribui com os seus comentários e crônicas elucidativos. Sob a epígrafe de "Nem Apelo, nem

Agravo" procura reconstituir a execução de Joaquim Pinto Madeira, Coronel de Milícias do Ceará, em 1831. Tendo subelevado o Cariri durante a administração do Padre Alencar, condenado sem que o juiz aceitasse o apelo a que tinha direito, foi o seu julgamento considerado para a história um assassinato jurídico.

Em "O Ceará e a Abolição", defende a prioridade do Ceará na libertação dos escravos. Tendo escrito, sob a epígrafe "Os Monumentos do Estado do Ceará", importante estudo histórico-descritivo, é considerado este trabalho, pelo historiador José Honório Rodrigues, cujas notas consultamos, como "valiosa contribuição sobre o patrimônio histórico cearense". Além de outros citados, sobram muitos, ainda não referidos, que recomendam o nosso homenageado entre os mais credenciados historiadores regionais.

HISTORIADOR DO INSTITUTO DO CEARÁ GUARDIÃO DOS DOCUMENTOS CEARENSES

Não foi propósito nosso trazer aqui uma interpretação doutrinária sobre os estudos de EUSÉBIO DE SOUSA. Permiti-nos, porém, dar-vos uma impressão de caráter subjetivo, considerando-o como historiador do Instituto do Ceará e guardião dos documentos cearenses, em mira da historiografia.

Além da História Militar do Ceará, que nos traz o perfil dos defensores da Pátria, relacionados com o Estado, o nosso homenageado legou-nos um denso e bem elaborado livro com o título de "Meio Século de Existência: Subsídios para a História do Instituto do Ceará". Ali estão o nascimento e o desenvolvimento da Instituição, sua consolidação, a biobibliografia dos seus fundadores.

A Fundação do Instituto do Ceará em 1887 vem lembrar-nos tão oportunamente que estamos a quatro passos de um século de existência. Avulta o zeloso livro de Eusébio de Sousa, que se fez o historiador do Instituto, ao escrever o livro "Meio Século de Existência: Subsídios para a História do Instituto do Ceará – 1887-1937". Avulta como uma repreensão pelo descaso de nós próprios a nossa casa, que reclama agora mesmo para que nos apressemos a publicar em dois volumes a história do Instituto do Ceará: o primeiro seria a 2a. edição do "Meio Século", de Eusébio; o segundo seria a continuação daquele, até os nossos dias.

O historiador J. Honório Rodrigues que, em antológica memória deu-se ao empenho de escrever o "Índice Anotado da Revista do Instituto do Ceará", revelando a importância da historiografia cearense ali contida, assevera "ser o Ceará o Estado brasileiro que produziu a melhor historiografia regional, a melhor revista histórica, os maiores historiadores no campo regional brasileiro, Studart e Capistrano".

Invocando o testemunho de Capistrano de Abreu, considera que os estudiosos cearenses, encontrando poucos episódios dramáticos, recolheram pequenos fatos que os analistas de outros Estados comumente desdenham.

Faz-se uma exceção no Nordeste à guerra da Independência (Maranhão e Piauí) e às revoluções de 1817 e 1824, assim como às lutas internas de Pinto Madeira e à abolição dos escravos no Ceará. Quanto ao mais, são as concessões de Sesmaria, fundação de capelas e freguesias ou o simplesmente cotidiano. Mas, insiste o analista eminente, já citado, "o cotidiano cearense é heróico, porque representa uma constante agonia. A luta contra a seca, as lastimosas semi-existências que vegetam então, sem descanso e sem liberdade do temor e da necessidade, significam uma crise autêntica, uma suprema razão de interesse para a indagação histórica".

Diremos, a esta altura, que EUSÉBIO DE SOUSA atendeu à dupla face de heróico e do cotidiano — aos aspectos dramáticos da passada existência e às induções comuns dos fatos que estão em órbita da vida humana.

Um outro livro, importante e útil que escreveu, é o "Índice das Sesmarias". Elaborado à luz de um critério técnico-científico, conforme o saber e normas do seu tempo, conseguiu dispor e organizar, numa seqüência prática, as ementas de modo a facilitar ao consulente a busca das datas e sesmarias, procuradas não só por historiadores, mas geógrafos, agrimensores, advogados, juristas e estudiosos do povoamento regional. Sem este documento, difícil será o manuseio dos diversos volumes das sesmarias cearenses, assim como, sem o estudo destas, não é possível buscar o roteiro do povoamento no interior.

Guardião dos documentos cearenses, Eusébio pode ser considerado, sobretudo quando, por alguns anos, dirigiu o Arquivo Público e o Museu Histórico de Fortaleza (CE), do qual foi seu fundador e primeiro Diretor. Soube imprimir a estas repartições uma organização disciplinar, notadamente no que diz respeito à guarda, conservação e sistematização dos respectivos documentos.

Convidado à administração, na Interventoria de Carneiro de Mendonça, integrou-se na austeridade da gestão, dando-lhe uma contribuição pioneira, que se tornou exemplar. O Museu foi enriquecido material e culturalmente pelas diligências de sua operosidade, e o Arquivo recebeu de sua personalidade aquela mística do lema do Instituto do Ceará, a que veio também a pertencer, como titular da Cadeira nº 3, como fervoroso afã: **dedimus profecto grande patientiae documentum.**

Insistimos então em referir a seu respeito o que José Honório Rodrigues assinala em relação aos primeiros titulares do Instituto: "o contato logo estabelecido entre os mestres, como o Barão de Studart, e os novos, "chamados", favoreceu o exercício de uma prática de utilidade incontestável. "A doutri-

na foi a da época, aquela que então seduzia os melhores espíritos. A escola histórica, que exaltava a pesquisa e declarava a vitória do documento manuscrito e inédito sobre a interpretação fácil e ligeira".

Façamos agora uma pausa para registrar o testemunho de outros que de perto conheceram Eusébio e recompõem fontes para o seu estudo, a exemplo de Josa Magalhães, que traçou com segurança e beleza de estilo o perfil; de Osvaldo Aguiar, que ressaltou o seu caráter de humanista cristão e chefe de família generoso e exemplar; de Pompeu Sobrinho, que louvou a sua operosidade no Instituto do Ceará; de Raimundo Monteiro, José Bonifácio de Sousa e outros, que cuidaram de sua biografia. Todos nos dizem daquele que, no heroísmo do cotidiano, riscou o céu como o planeta-homem, reluzente em sua glória de amar e de ser útil, de ser bom e de servir.

O HOMENAGEADO, A FAMÍLIA E O TEMPO

Conheci EUSÉBIO DE SOUSA no MUSEU HISTÓRICO, quando o procurava para esclarecer-me sobre uma sesmaria, cujas terras me foram entregues para uma demarcação.

Alto, moreno, forte de compleição, recebeu-me com benevolência, esclarecendo-me a contento. Num sorriso leal e franco, imprimia respeito, impunha simpatia . . .

Hoje, neste plenário, presente sua distinta e nobre família, estamos a homenageá-lo. Voltamo-nos para lembrar que EUSÉBIO NERI ALVES DE SOUSA era casado com D. Márcia Monteiro Osório, dos quais nos resta a semente, que são os filhos, herdeiros da generosa seiva do seu caráter, aptidões e virtudes. ARILO, casado com D. Hermínia Silva de Sousa; ALMIRA, viúva do Desembargador Osvaldo de Aguiar; AGLAÊ cuja vida devotou-se ao serviço cultural do pai; AMELINA, casada com o Sr. Nestor Peixoto; AURA, viúva do Sr. José Rebouças da Cunha; ALTAIR, casada com o Sr. Fernando Júdice; AURINEIDE, casada com o Sr. Amílcar Ribeiro Pio. Figuram entre os filhos adotivos: MAURO, casado com D. Isabel de Castro Marques; MARIA NILDA, casada com o Sr. Luciano dos Reis.

Netos, filhos dos casais acima referidos, figuram: ADAILTON, AIDÊ, ADILSON e ÂNGELA MARIA; JOSÉ AIRTON, ARILO, ALEUDA, AMILTON, ALELUIA, MARIA JÚLIA, ANTÔNIO EUSÉBIO, JOSÉ REBOUÇAS FILHO e AFRÂNIO. Netos adotivos: ANA MÁRCIA, MAURO FILHO e ALICE MARIA; MÁRCIO ANDRÉ, LUCIANA e TATIANA.

Aos distintos rebentos a mensagem destas reminiscências.

Do cimo da montanha, num restrospecto ao passado distante, lembraremos que EUSÉBIO DE SOUSA, nascido no Recife, veio ao mundo no tempo em que Joaquim Nabuco clamava pela libertação dos escravos e o

Ceará sagrava-se o primeiro a proclamar esta libertação, cujo primeiro século estamos comemorando.

Há um silêncio dominante em Fortaleza e, no cenário nacional, uma indiferença que chega ao ponto de autoridades responsáveis negarem um selo comemorativo do mais relevante feito histórico da libertação. É o tempo em que esmorece o civismo e a Pátria está dobrada e enferma das emergências e crises. Quadra em que nos jornais já não há espaço, como nos dias de EUSÉBIO, para se pregar a mensagem do historiador ou para se ditar a consciência de um povo livre e independente dos negócios, escusos e caricatos, de grosso economismo. Haverá, sim, tempo, espaço e moeda para o futebol, que é o ópio do povo; para frivolidades do "society" ou ainda, páginas e mais páginas para a deformada propaganda da violência e do crime.

Paremos aqui para refletir com poesia:

O tempo vai
O tempo vem
O tempo leva
O tempo traz
O tempo lembra
O tempo esquece . . .

O tempo dos que se abrigam no Instituto do Ceará não esquecerá o vulto heróico e exemplar de EUSÉBIO DE SOUSA. Nesta homenagem a nossa mensagem subirá com as nossas preces de envolta ao Infinito.

Fortaleza, 22 de agosto de 1983.